



A Semana

100% mané

Depois do proselitismo religioso na final da Champions League, quando apareceu com uma faixa na testa onde se lia "100% Jesus", Neymar soltou os demônios na Copa América. Na estreia contra o Peru (magra vitória de 2 a 1), comportou-se como um coxinha dono da bola, ao empurrar companheiros do time. Contra a Colômbia, agrediu gratuitamente o lateral Armero, armou um forrobodó em campo e acabou expulso. O Brasil perdeu de 1 a 0. Tanto nervosismo seria só um ataque de estrelismo ou teria a ver com o fato de a Justiça espanhola ter aberto uma investigação contra ele e o pai por corrupção na transferência do Santos para o Barcelona? Por esse tipo de comportamento, Neymar pode se considerar à altura de Pelé e Ronaldo dito Fenômeno.



Outra chance para a oposição encurtar o trajeto de Dilma Rousseff

Brasília/As pedaladas fiscais e o TCU

O governo tem 30 dias para explicar irregularidades apontadas pelo tribunal

O TRIBUNAL DE CONTAS da União estabeleceu um prazo de 30 dias para o governo explicar as chamadas "pedaladas fiscais". Os técnicos do TCU apontaram 31 irregularidades na prestação de contas do ano passado, mas os ministros pediram informações sobre 13. Segundo o relator do processo, Augusto Nardes, cabe à presidenta Dilma Rousseff responder as dúvidas, pois os atos teriam sido de sua responsabilidade.

O Palácio do Planalto terá de justificar, entre outros casos, a omissão de dívidas de 40,2 bilhões de reais com o Banco do Brasil, BNDES e Fundo de Garantia e o adiamento de reembolso de outro 1,4 bilhão de reais ao FGTS para a cobertura de despesas do programa Minha Casa Minha Vida.

O governo diz que a prática de adiar pagamentos é corriqueira e é adotada tanto pelo poder público quanto por empresas privadas. Neste momento, o TCU tende, porém, a considerar os atrasos como uma

modalidade de empréstimo dos bancos públicos proibida pela Lei de Responsabilidade Fiscal, criada em 2000.

Trata-se de uma mudança radical de postura do tribunal, que tem um histórico de descaso e leniência na análise das prestações de contas. Nem mesmo os gastos de Fernando Collor, o único presidente pós-ditadura a sofrer um processo de *impeachment*, foram julgadas.

O novo estilo do TCU reacendeu a chama da oposição. A tese do impedimento via crime de responsabilidade por causa das manobras fiscais foi sacada da algibeira pelo advogado Miguel Reale Jr. após a fracassada tentativa de ligar a presidenta ao escândalo da Petrobras. Se o tribunal rejeitar as contas, caberá ao Congresso avaliar se cabe a abertura de um processo contra Dilma Rousseff. Os menos ingênuos e cínicos sabem: o retorno de uma campanha contra Dilma não servirá aos interesses de quem quer depô-la, mas do PMDB de Eduardo Cunha e Renan Calheiros.





24.6.15

Venezuela/Yes, nós temos bananas

A rápida e emocionante aventura de senadores brasileiros em Caracas

FOI UMA AVENTURA rápida, mas cheia de emoções. E uma prova de que a oposição brasileira nutre ambições além das nossas fronteiras. Talvez cansado do confronto monotemático com Dilma Rousseff, um grupo de senadores brasileiros, capitaneado pelo tucano Aécio Neves, decidiu voar até Caracas para visitar opositores presos e denunciar a ditadura chavista do presidente Nicolás Maduro.

Ainda no aeroporto, os senadores foram hostilizados por simpatizantes de Maduro e a van que os transportava acabou impedida de continuar o trajeto. “Estamos sitiados”, afirmou o senador Aloysio Nunes Ferreira.

Horas mais tarde, entediada com a espera infrutífera no aeroporto de Caracas, a comitiva decidiu retornar ao Brasil, não sem causar desgastes ao governo Dilma (objetivo principal da turnê). Aécio acionou Renan Calheiros, presidente do Senado, que contou a presidenta e pediu uma atitude. Esta convocou o chanceler brasileiro em busca de explicações. A Câmara dos Deputados aproveitou para interromper a votação das desonerações fiscais, item do ajuste fiscal. Preferiu, sob os auspícios de Eduardo Cunha, divulgar uma nota de repúdio à atitude do Estado venezuelano.

É impressão ou o Brasil decidiu incorporar de vez o espírito de república bananeira?



A ditadura dos amigos

Na terça-feira 16, o presidente deposto Mohamed Morsi foi condenado à morte por participação nos levantes de janeiro de 2011 nas prisões do regime de Hosni Mubarak, que lhe permitiram obter a liberdade, lutar contra a ditadura e tornar-se, por pouco tempo, o único chefe de Estado democraticamente eleito da história do Egito. Isso ocorre menos de uma semana após os Estados Unidos aprovarem a renovação do apoio militar de 1,3 bilhão de dólares anuais para 2016 e duas semanas após o novo ditador, Abdel Fattah al-Sisi, ser recebido como “parceiro estratégico” por Angela Merkel em entrevista coletiva, interrompida aos gritos de “assassino” por uma jornalista egípcia prontamente removida por seguranças. Mais uma vez se deixa claro como, para o Ocidente, é “ditador” apenas quem contraria seus interesses.



Esta frente não passou das imediações do aeroporto

OBITUÁRIO/OLACYR DE MORAES E O BRASIL

O MAIOR PRODUTOR DE SOJA CRESCERAM COM O APOIO DO ESTADO E SUCUMBIU AOS JUROS

A carreira do empresário Olacyr de Moraes, morto na terça-feira 16 aos 84 anos, espelha com fidelidade a trajetória da economia brasileira nas últimas décadas. A construção do Grupo Itamaraty, de 40 empresas, começou com a pavimentação de ruas contratada pela prefeitura de São Paulo, atividade principal da Construtora Constran, fundada em 1957. Nos anos 1970, bene-

ficiado com o desenvolvimento de sementes de alta produtividade pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, ocupou espaço no mercado de grãos e tornou-se o maior produtor mundial de soja. Os seus negócios seguiram roteiro comum no mundo empresarial, de crescimento a partir de contratos com o Estado e derrocada sob juros altos na década perdida dos anos

1980, da crise do endividamento externo. Atrasos alegados nos compromissos do governo paulista teriam provocado perdas de 200 milhões de dólares na construção da Ferronorte, projetada para o escoamento de soja. Em crise, Olacyr se desfez de quase todas as empresas. A Constran foi vendida para a UTC, de Ricardo Pessoa, preso na Operação Lava Jato.

